

As minhas lembranças observam-me

seguido de

Primeiros poemas (inéditos)

Tomas Tranströmer

SEXTANTE EDITORA





© Cato Lein

As lembranças

«A minha vida.» Quando penso estas palavras, vejo diante de mim um rasto de luz. Observando melhor, a luz tem a forma de um cometa, com uma cabeça e uma cauda. A extremidade mais luminosa, a cabeça, é a infância e a idade do crescimento. O núcleo, a parte mais densa, é a primeira infância, quando são determinados os traços principais da nossa vida. Tento recordar-me, tento chegar lá. Mas é difícil movimentarmo-nos nessas regiões muito condensadas, é perigoso, tenho a sensação de que chegaria muito próximo da morte. Mais adiante, o cometa dilui-se: é a parte mais comprida, a cauda. Torna-se cada vez menos denso, mas também mais largo. Encontro-me agora num ponto muito avançado da cauda do cometa; tenho sessenta anos no momento em que escrevo estas linhas.

As primeiras vivências são, na sua maior parte, inacessíveis. Histórias recontadas, recordações de recordações, reconstituições que assentam na erupção súbita de um estado de espírito.

A minha recordação datável mais antiga é a recordação de um sentimento. Um sentimento de orgulho.

Fiz três anos, e disseram-me que isso era muito importante, que agora eu era grande. Estou deitado na cama, num quarto luminoso, e levanto-me, desço da cama, extraordinariamente consciente de que estou a ficar crescido. Tenho uma boneca a que pus o nome mais bonito que consegui inventar: KARIN SPINNA. Não a trato de uma forma maternal. Ela é uma amiguinha, ou uma paixão.

Vivemos no Söder, a zona sul de Estocolmo, no n.º 33 de Swedenborgsgatan (atualmente Grindsgatan). O meu pai ainda faz parte da família, mas em breve a deixará. O nosso estilo é bastante «moderno» – desde sempre tratei os meus pais por tu. A minha avó e o meu avô maternos moram perto, ao virar da esquina, na Blekingegatan.

O meu avô, Carl Helmer Westerberg, nasceu em 1860. Era piloto de porto e muito meu amigo, com mais 71 anos do que eu. Curiosamente, ele tinha a mesma relação de idade com o seu próprio avô materno, que nasceu em 1789: ano da tomada da Bastilha e do motim de Anjala¹, ano em que Mozart compôs o *Quinteto para clarinete*. Duas passadas iguais à retaguarda, duas grandes passadas, ou talvez não tão grandes, afinal. Mas roçamos pela História.

O meu avô usava uma linguagem do século XIX. Muitas das suas expressões seriam hoje consideradas

1 Sublevação militar de oficiais suecos e finlandeses contra o rei Gustavo III durante a guerra com a Rússia. (*N. da T.*)



Tomas Tranströmer aos três anos

notoriamente obsoletas. Na boca dele e para mim, pareciam perfeitamente naturais. Era um homem bastante baixo, de bigode branco e nariz forte, um pouco curvo – «nariz de turco», dizia ele. Era muito temperamental e tinha acessos de fúria. Essas explosões nunca eram levadas muito a sério e terminavam imediatamente. A agressividade persistente era-lhe totalmente alheia. Na verdade, era tão conciliador que corria o risco de ser descrito como irresoluto. Queria ser correto, mesmo com pessoas ausentes de quem se dissesse mal durante uma vulgar conversa.

– Mas o pai terá de concordar que X é um patife!

– Ora, isso não sei.

Depois do divórcio, eu e a minha mãe mudámo-nos para a Folkungagatan 57, um edifício para a classe média baixa. Aí vivia, em estreita proximidade, um grupo heterogéneo de pessoas. As recordações desse prédio organizam-se mais ou menos como num filme da década de 1930 ou 1940, com uma galeria de personagens que nele se enquadrariam muito bem. A porteira, uma pessoa simpática, o porteiro, um homem forte e lacónico que eu admirava particularmente por ele ser gaseado, o que sugeria um contacto heroico com máquinas perigosas.

Havia um movimento, pouco intenso, de pessoas estranhas. Um ou outro bêbedo que se metia na escada. Um ou outro pedinte que vinha bater à porta mais ou menos semanalmente. Ficavam do lado de fora, a murmurar. A minha mãe arranjava-lhes uma

fatia de pão com qualquer coisa – preferia dar-lhes pão a dar-lhes dinheiro.

Nós morávamos no quinto andar, o último. Havia quatro portas, além da que dava para as águas-furtadas. Numa delas estava afixado o nome Örke, de um fotógrafo de imprensa. Viver ao lado de um fotógrafo de imprensa tinha o seu quê de chique.

O vizinho do lado, que ouvíamos através da parede, era um homem solteiro, de idade já um pouco avançada, com uma pele pálida e amarelenta. Trabalhava em casa, como mediador numa qualquer atividade, que geria por telefone. Durante as conversas telefónicas, era frequente soltar umas gargalhadas magnetizantes que atravessavam a parede e chegavam até nós. Outro som muito frequente era o de rolhas a saltarem. Nessa altura, as garrafas de cerveja ainda não tinham cápsulas. Esses sons dionisiacos, das gargalhadas e das rolhas a saltar, pareciam destoar da figura pálida e fantasmagórica do homem que eu encontrava por vezes no elevador. Com a idade, tornou-se desconfiado, e as gargalhadas foram rareando.

Uma vez houve uma cena violenta. Eu ainda era pequeno. Foi um vizinho a quem a mulher trancou a porta e não o deixava entrar. Estava bêbedo e enfurecido, e ela barricou-se. Ele tentava arrombar a porta, gritando ameaças. Do que me recordo é de ele gritar a seguinte frase estranha:

– E se for parar a Kungsholmen, estou-me nas tintas!